Estratégias identitárias no continente americano: “americanidad”, “américanité”, “americanidade” e a ausência de “americanity”*

Márcio Babia**

Resumo

Em um continente marcado pela heterogeneidade e por enormes diferenças em diversas esferas, o conceito de americanidade toma por empreitada a difícil missão de conceber um substrato cultural americano capaz de romper a fragmentação e os limites fronteiriços inerentes à noção de “cultura nacional”. Circulando pela América Hispânica (*americanidad*), pelo Quebec (*américanité*) e pelo Brasil (americanidade), o conceito e suas variantes apresentam, entretanto, intrincadas dinâmicas internas de inclusão e exclusão, de abertura e fechamento, de atração e repulsão. Através da análise de textos teóricos, comerciais de TV e filmes, e trazendo à tona a pouco explorada relação cultural Canadá–América Latina, tentaremos lançar luz às complexas estratégias identitárias que determinam a cartografia do conceito americanidade ao redor do continente.

Palavras-chave: Americanidade; Américas; Canadá; Quebec; relações interamericanas.

* Trabalho apresentado no 73o Congresso Internacional da ACFAS (Association Francophone pour le Savoir), Université du Québec à Chicoutimi, em maio de 2005, e no X Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em agosto de 2006.

** Universidade de Ottawa.

Largamente difundido na América Hispânica a partir da primeira metade do século XX, o conceito *americanidad* conheceu grande popularidade no Quebec a partir dos anos 1980 (*américanité*) e mais recentemente começou a ser desenvolvido pela academia brasileira (americanidade). O conceito e suas variantes ressaltam a importância da construção de uma identidade cultural continental que ultrapasse a fragmentação intrínseca à noção de “cultura nacional”. Entretanto, em sua jornada através das Américas, o conceito *americanidad* transformou-se, sofrendo metamorfoses, criando novas significações e nuanças (BERND, 2002). Em estudos recentes, pesquisadores proeminentes como Zilá Bernd (2003a, b) e Joseph Yvon Thériault (2002) constataram uma ausência intrigante: o termo análogo *americanity* não circula no contexto anglófono da América do Norte. Neste artigo, tentaremos responder a algumas questões provocadas por essa ausência: apesar de sua grande utilização na América Latina e no Quebec, por que tal termo não foi desenvolvido pelo Canadá inglês ou pelos Estados Unidos? Há alguma conexão entre essa ausência e as estratégias de construção de identidade desses países? Por que nem o Canadá inglês nem os Estados Unidos apresentaram as condições favoráveis para a emergência do termo *americanity*?

Americanidad, américanité e americanidade: perspectivas periféricas

Para compreender a ausência do conceito homólogo *americanity* na porção inglesa da América do Norte, é primeiro necessário examinar comparativamente os três conceitos irmãos *americanidad*, *américanité* e americanidade. Apesar das grandes diferenças quanto ao seu lugar de enunciação, ao momento histórico no qual foram desenvolvidas e às suas respectivas motivações, as variantes do conceito apresentam uma forte característica em comum, que será aqui chamada “perspectiva periférica”.

Antes de continuarmos, é necessário precisar que a velha dicotomia periferia x centro não é mais capaz de descrever toda a complexidade de relações de poder na paisagem política, econômica e cultural do mundo contemporâneo (BAHIA, 2004, p. vii-x; MIGNOLO, 2000, p. ix). Por que então utilizar a noção de periferia para uma análise comparatista contemporânea do conceito *americanidad*? Em nossas pesquisas sobre o tema, observamos que, enquanto no nível político a maioria dos povos americanos obteve sua independência nos séculos XVIII e XIX, no nível estético e cultural as metrópoles européias continuaram a

ser vistas em terras americanas como o modelo, o "centro" que dita os valores culturais, literários e estéticos dominantes. O conceito *americanidad* e suas variantes foram criados e são utilizados até hoje, entre outras funções, justamente para reagir a esse paradigma periferia=inferior x centro=superior. O uso do conceito faz parte de um processo inacabado de afirmação cultural nas Américas, onde ainda é necessário combater certos ranços etnocentristas provenientes da experiência colonial, como analisaremos a seguir.

A "perspectiva periférica" do conceito possui dois eixos intrínsecos e complementares que foram encontrados, em diferentes níveis de intensidade, em todos os pensadores da americanidade analisados. Esses dois aspectos da perspectiva periférica da americanidade são empiricamente indissociáveis, mas, por razões analíticas e argumentativas, tentaremos decompô-los e apresentá-los separadamente, cada um em sua lógica própria.

O primeiro eixo é o mais evidente: para realizar o projeto de afirmação cultural americana, é necessário promover certa união continental. A lógica é a seguinte: a força, o vigor cultural americano reside no conjunto do continente, não na expressão fragmentada e associada a culturas nacionais circunscritas a espaços e sociedades restritas. No lado hispano-americano, temos a forte influência de José Martí (1977 [1891]), com sua representação de *nuestra América*; de José Lezama Lima (1993 [1957]), com sua provocante *expresión americana*; e de Carpentier (1976), com suas reflexões sobre o *real maravilloso* americano, para citar apenas alguns dos exemplos mais conhecidos. É na lógica discursiva de Carpentier que se encontra um dos mais explícitos apelos a uma união continental capaz de afirmar a identidade americana:

De ahí que la historia de **nuestra** América haya de ser estudiada como una gran unidad, como la de un conjunto de células inseparables unas de otras, para acabar de entender realmente *lo que somos, quiénes somos, y qué papeles el que habremos de desempeñar en la realidad que nos circunda y da un sentido a **nuestros** destinos.* (CARPENTIER, 1976, p. 24, grifo nosso)

Do lado quebequense, a célebre definição de Yvan Lamonde (1996, p. 11, tradução nossa, grifo nosso) demonstra também a preocupação inclusiva do conceito: "[...] enquanto que americanidade, que engloba **tanto a América Latina quanto a América Saxã**, é um conceito de abertura e de mobilidade que ratifica o consentimento do Quebec a sua pertença continental".¹ Finalmente, no Brasil, a geração de canadianistas formada por Núbia Hanciau, Zilá Bernd, Maria Bernadette Porto, Lícia Soares de Souza, Eurídice Figueiredo e Denise Lavallé, entre outros, constituiu uma verdadeira "escola do pensamento americano", utilizando conceitos como americanidade, hibridação, mestiçagem

¹ "[...] tandis que l'américanité, qui englobe tout autant l'Amérique latine que l'Amérique saxonne, est un concept d'ouverture et de mouvance qui dit le consentement du Québec à son appartenance continentale".

etc. O desejo de proximidade e diálogo intercultural pode ser constatado na metáfora proposta por Bernd (2003a, p. 41) para conceber as Américas: “As flores arranjadas em um ramo guardam cada uma sua identidade, mas sua beleza adquire um esplendor maior quando na harmonia do arranjo”. Entretanto, é importante frisar que, apesar do palpável desejo de integração continental, uma análise mais profunda nos mostra que todos esses discursos são marcados por dinâmicas complexas de inclusão e exclusão, por relações de poder, por lacunas, por “subcontinentalidades”. A análise minuciosa da dinâmica de inclusão e exclusão em cada uma dessas variantes do conceito ultrapassa largamente o escopo deste artigo.² O importante é mencionar que os movimentos de abertura ou de restrição inerentes aos vários discursos da americanidade foram amplamente complicados pela presença neocolonial dos Estados Unidos no continente.

E aqui já entramos no segundo eixo da perspectiva periférica do conceito. O apelo por uma união continental é acompanhado de uma certa resistência, uma recusa, uma rejeição ao “centro”, visto como dominador e etnocentrista. Historicamente, a posição de “centro” foi ocupada primeiramente pela Europa, mas, à medida que os Estados Unidos consolidam a sua posição de nova superpotência mundial, a desconfiança e a acrimônia passam também a ser dirigidas ao gigante da América do Norte. Para os pensadores da americanidade na América Latina, por exemplo, o dominador, o etnocentrista é encarnado não somente pelo europeu mas, muitas vezes, também pelo vizinho estadunidense. Como ilustração, podemos citar as recorrentes discussões sobre a apropriação dos termos “América” e “americano” pelos Estados Unidos (BAHIA, 2002, p. 96; BERND, 2003a, p. 27-28). Essas discussões ressaltam os impasses criados por essa apropriação e revelam mesmo, algumas vezes, um certo sentimento anti-Estados Unidos. Para ilustrar o caráter anticentralizador da americanidade citamos a conferência proferida por Carpentier em 1975, na Universidade Central da Venezuela, na qual o pensador exalta a Revolução Cubana de 1959 e critica indireta (mas explicitamente) os Estados Unidos:

[...] tuve una temprana visión de América y del porvenir de América (me refiero, desde luego, a aquella América que José Martí llamara “Nuestra América”). [...] *Por la independencia económica de Cuba, y contra el imperialismo yanqui.* [...] *Por la cordialidad y la unión latinoamericana.* [...] En el alba del año 1959, [...] primera gran victoria de una nación de nuestra América Mestiza (como la llamara más de una vez, con orgullo, José Martí) contra el más temible de los imperialismos... (“El del gigante con botas de siete leguas **que nos desprecia**”... – y vuelvo a citar a José Martí). (CARPENTIER, 1976, p. 21-23, grifo nosso)

Zilá Bernd (2003b, p. 24, grifo nosso), por sua vez, declara que conceitos como os de *transferência cultural* e *americanidade* “correspondem à necessidade

² Para uma análise em profundidade dessa questão, ver Bahia (2004).

de desconstruir o mito da dependência cultural **latino-americana** [...] de minimizar os efeitos danosos para a diversidade cultural representados pelo empreendimento colonial e **neocolonial**”.

Em sua busca identitária através do conceito *américanité*, o Quebec também foi obrigado a enfrentar a questão estadunidense. No caso quebequense, a dúbia relação com a poderosa nação gerou um vigoroso debate em torno da diferença entre “américanité” e “américanisation”: “A americanização do Quebec, conceito de resistência ou de recusa, é esse processo de aculturação pelo qual a cultura estadunidense influencia e domina a cultura tanto canadense, quanto quebequense e mundial [...]”³ (LAMONDE, 1996, p. 11, tradução nossa). Vimos antes que o conceito de *américanité* desenvolvido por Lamonde (1996, p. 11) é preenchido dentro de um campo semântico muito positivo: abertura, consentimento, pertença continental etc. A americanização, por outro lado, é marcada aqui por uma série de palavras axiologicamente negativas: resistência, recusa, aculturação, dominância etc.

Uma vez estabelecida a noção de perspectiva periférica dos conceitos *americanidad*, *américanité* e americanidade, como ela pode nos ajudar a compreender a ausência do conceito homólogo *americanity* na porção inglesa da América do Norte? Para responder (ou, ao menos, indicar algumas pistas) às questões propostas no início deste artigo, é necessário ainda analisar separadamente as últimas peças de nosso quebra-cabeça: as estratégias de construção identitária dos Estados Unidos e do Canadá inglês.

A auto-representação identitária estadunidense: filmes e presidentes

A cena de abertura do filme **Jerry Maguire**, escrito e dirigido por Cameron Crowe em 1996, ilustra o argumento principal que utilizaremos para compreender a ausência da circulação de um conceito análogo (*americanity*) no contexto estadunidense.

Terra vista do espaço

(A “bolinha azul” vista do espaço. Ouvimos a voz calma de Jerry Maguire falando conosco).

Voz de Jerry

Ok, então essa é a Terra, e há cinco bilhões de pessoas nela. Quando eu era criança havia três. É difícil se manter atualizado.

América vista do espaço

(O grande continente visto por entre nuvens revolteantes. Satélites e outros equipamentos de transmissão flutuam no céu).

³ “L’américanisation du Québec, concept de résistance ou de refus, est ce processus d’acculturation par lequel la culture étasunienne influence et domine la culture autant canadienne que québécoise – et mondiale [...]”.

Voz de Jerry

Assim é melhor. Isso é a América. Vejam, a América ainda é quem dá o tom do mundo...⁴

(JERRY... 1996, tradução nossa)

A cena mostra-nos a Terra vista do espaço sideral. À medida que o Globo gira, a câmera focaliza os Estados Unidos. A Terra pára então de girar, e o que se vê claramente é o território estadunidense observado do espaço. Para o protagonista, vivido pelo ator Tom Cruise, o resto do mundo não interessa muito. O que é importante para ele são os Estados Unidos, e, quando a câmera pára sobre o grande país, o protagonista diz com alívio: "That's better. That's America"; sua satisfação é completa quando ele ressalta a posição central dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo: "See, America still sets the tone for the world..." (JERRY... 1996). Não é somente no filme de Cameron Crowe que podemos observar a autopercepção estadunidense como centro do mundo. Em outros "blockbusters", como **Independence day** (1996) e **Armageddon** (1998), há uma presença abundante da bandeira dos Estados Unidos, de cientistas estadunidenses brilhantes, de presidentes heróicos e a incontestável direção americana (EUA) em escala mundial. Na verdade, a grandeza americana (estadunidense) é a única marca secreta capaz de salvar o mundo!

Essa auto-representação como líder mundial também pode ser amplamente encontrada nos discursos inaugurais de presidentes estadunidenses. Já no discurso de Theodore Roosevelt, em 1905, nota-se a representação dos Estados Unidos como **uma** das grandes forças mundiais: "Nós nos tornamos uma grande nação, e em virtude de nossa grandeza temos de manter relações com as outras nações do mundo [...]"⁵ (ROOSEVELT, 1994, tradução nossa). Quarenta e poucos anos mais tarde, no discurso de posse de Harry Truman, essa força começa a tomar forma de hegemonia: "Desde o fim das hostilidades, os Estados Unidos têm investido sua força e energia em um grande esforço construtivo para a restauração da paz, da estabilidade e da liberdade no mundo [...]"⁶ (TRUMAN, 1994, tradução nossa). Em seu longo discurso, Truman dá detalhes específicos de como os Estados Unidos vão combater o comunismo, reconstruir a Europa e exercer um papel central na Organização das Nações Unidas, recentemente criada. Após o esfacelamento do mundo comunista, a autopercepção da hegemonia

⁴ "EARTH FROM SPACE (The 'blue marble' as seen from space. We hear the calm voice of Jerry Maguire, talking just to us). JERRY'S VOICE Alright so this is the world and there are five billion people on it. When I was a kid there were three. It's hard to keep up. AMERICA FROM SPACE (The great continent through mist and swirling skies. Satellites and other pieces of skycasting equipment float by). JERRY'S VOICE That's better. That's America. See, America still sets the tone for the world..."

⁵ "We have become a great nation, forced by the fact of its greatness into relations with the other nations of the earth [...]"

⁶ "Since the end of hostilities, the United States has invested its substance and its energy in a great constructive effort to restore peace, stability, and freedom to the world [...]"

estadunidense aparece ainda com mais clareza, como no discurso proferido por Bill Clinton, em 1993: “Certamente, a América deve continuar a liderar o mundo, o qual nós fizemos tanto para construir”⁷ (CLINTON, 1994, tradução nossa). Então, como podemos relacionar a noção de perspectiva periférica e a auto-representação identitária estadunidense para compreender a ausência do conceito *americanity* nos Estados Unidos? Como já argumentamos antes, a construção dos conceitos *americanidad*, *américanité* e americanidade, respectivamente na América Hispânica, no Quebec e no Brasil, seguiu certas tendências, sobretudo o desejo de união continental como reação contra os “centros” constituídos, isto é, num primeiro momento, a Europa e, depois, os Estados Unidos. Para os Estados Unidos, o desenvolvimento de um conceito análogo parece ser inútil. Primeiramente, em sua construção identitária, os Estados Unidos não desenvolveram uma noção de inferioridade em relação à Europa. Ao contrário, nas relações internacionais de poder, os Estados Unidos percebem-se como um líder mundial. Conseqüentemente, eles não tiveram a necessidade de desenvolver um discurso para reverter o paradigma América=inferior x Europa=superior, como se passou na América Latina. Em segundo lugar, é evidente que os estadunidenses não precisam resolver os impasses de representação e de auto-afirmação continental criados pela sua própria hegemonia cultural sobre o continente e por sua “apropriação” do termo “América”. Com uma certa ironia, Thériault (2002, p. 29, tradução nossa) afirma que “[...] os anglo-americanos não se interessam normalmente pela americanidade; eles não teriam a idéia de opor americanidade e americanização”.⁸ O que o ilustre pesquisador quer dizer é que a oposição *américanité* x *américanisation*, essencial para a discussão no Quebec, “não viria ao espírito” estadunidense, porque para este o estabelecimento de tal diferença seria simplesmente impertinente. Todas as discussões essenciais ao desenvolvimento do conceito em outros cantos do continente (resistência contra o etnocentrismo europeu, apropriação do termo “América” pelos Estados Unidos, americanidade x americanização etc.) mostram que os discursos da *americanidad* e suas variantes são fundamentalmente periféricos. Esses conceitos surgem em diferentes regiões em função da necessidade de resolver impasses identitários e de auto-afirmação cultural inerentes às margens do continente. Finalmente, por que os Estados Unidos desenvolveriam um conceito que é, em seu cerne, uma resposta das margens aos centros do mundo moderno, se sua autopercepção os faz definir-se como o centro desse mundo?

O caso canadense inglês: *Canadians are not Americans*

Evidentemente, a argumentação até aqui apresentada não é capaz de explicar a ausência do conceito *americanity* na academia anglo-canadense.

⁷ “Clearly, America must continue to lead the world we did so much to make”.

⁸ “[...] les anglo-américains ne s’intéressent habituellement pas à l’américanité, ils ne leur viendrait pas à l’esprit d’opposer américanité et américanisation”.

Deve-se então tentar buscar pistas nas estratégias de construção identitária do Canadá inglês.

A identidade canadense inglesa parece ser baseada sobre uma negação: *Canadians are not Americans* (por “americanos” compreenda-se aqui, obviamente, “estadunidenses”). Em um artigo perspicaz, James Nuechterlein, um professor universitário de origem estadunidense que construiu sua carreira no Canadá, declara que:

Logo depois de chegar ao Canadá comecei a perceber que para os canadenses ingleses preocupados em preservar (ou estabelecer) uma cultura distinta na América do Norte havia somente um obstáculo: o grande Leviatã do sul. Como poderiam os canadenses ingleses, em um país com um décimo da população estadunidense, a maioria vivendo a cem milhas da fronteira americana, resistir ao violento ataque da cultura ianque?⁹ (NUECHTERLEIN, 1997, p. 13, tradução nossa)

Para o Canadá inglês, a hegemonia estadunidense é duplamente perigosa. De um lado, ocorre lá toda a invasão cultural de massa estadunidense, assim como no resto do continente e em boa parte do mundo. Por outro lado, existem todas as similaridades lingüísticas e de herança colonial que ameaçam roubar do Canadá inglês sua especificidade cultural e identitária (ver BAHIA, 2002). Falando de sua experiência pessoal no Canadá, Nuechterlein diz que “[...] nada irritava mais os canadenses do que ouvir dos americanos (os quais diziam isso como um elogio) que o Canadá ‘era igualzinho aos Estados Unidos’”¹⁰ (NUECHTERLEIN, 1997, p. 13, tradução nossa). É dessa maneira que a identidade canadense inglesa define sua base na negação *Canadians are not Americans*. Uma parte dessa estratégia consiste em ativar o zelo do Canadá à sua herança britânica, caso conveniente: à Rainha, a ser parte do *Commonwealth*, a ter um sistema britânico de governo parlamentar etc. No artigo já mencionado, Nuechterlein (1997, p. 13, tradução nossa) afirma:

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, o patriotismo canadense não era somente antiamericano mas também pró-britânico. Os canadenses eram membros orgulhosos do Império Britânico. Logo quando cheguei à Universidade Queen’s, ao caminhar, todos os dias, para o campus através de um parque no centro da cidade, eu passava por uma estátua de Sir John A. Macdonald, o primeiro Primeiro-Ministro do Canadá e seu primeiro estadista

⁹ “Soon after arriving in Canada it dawned on me that for English Canadians concerned to preserve (or establish) a distinct culture in North America there was just one obstacle: the Great Leviathan to the south. How could English Canadians, in a country with one-tenth the U.S. population, most of them living within one hundred miles of the American border, withstand the onslaught of Yankee culture?”.

¹⁰ “[...] nothing drove Canadians to greater distraction than to be told by visiting Americans, who of course meant it as a compliment, that Canada was ‘just like the U.S.’”.

do século XIX. Nela se lia a inscrição: “Nasci um súdito britânico; morrerei um súdito britânico.”.¹¹

Um rápido passeio pelo Parliament Hill em Ottawa, sede do governo federal canadense, confirma as impressões de Nuechterlein: a torre da edificação traz um grande relógio que remete ao Big Ben londrino, sua arquitetura tenta cuidadosamente reproduzir antigas construções inglesas e, no verão, acontece a “troca de guarda”, exatamente como no modelo britânico. Poderíamos dar muitos outros exemplos desse duplo eixo identitário (ser antiestadunidense e pró-britânico), mas, por razões de espaço, apresentaremos aqui somente um exemplo emblemático. A cerveja Molson desenvolveu, para a televisão, uma série de peças publicitárias baseadas no sentimento *Canadians are not Americans*, das quais a mais célebre é certamente “Joe’s rant” (algo como “A ira de Joe”), um comercial particularmente controverso que foi televisionado pela primeira vez em março de 2000. Vemos nessa publicidade um homem de aproximadamente 25 anos, diante de um microfone em um teatro. Ao fundo, observamos uma grande tela que mostra imagens diversas. Paralelamente, escutamos Joe declamar, primeiramente de modo calmo, tranqüilo, e depois com uma paixão ardente e exaltada, sua “canadianidade”, sempre definida em termos de “não-americanidade”:

Ei, eu não sou um lenhador ou um comerciante de peles animais. E eu não moro em um iglu, nem como gordura de baleia, nem possuo um trenó de cachorros. E eu não conheço o Jimmy, a Sally ou a Suzy do Canadá, mas tenho certeza de que eles são muito, muito gentis. Eu tenho um Primeiro-Ministro, não um Presidente. Eu falo inglês e francês, NÃO americano. E eu pronuncio “ABOUT” (sobre) e não “A BOOT” (uma bota). Eu posso costurar com orgulho a bandeira do meu país na minha mochila. Eu acredito na manutenção da paz, NÃO em policiamento; na DIVERSIDADE, NÃO em assimilação; e ACREDITO QUE O CASTOR É REALMENTE UM ANIMAL NOBRE E DIGNO. A TOQUE IS A HAT, A CHESTERFIELD IS A COUCH, AND IT IS PRONOUNCED “ZED” NOT “ZEE”, “ZED”!!!!¹² O CANADÁ É O SEGUNDO MAIOR PAÍS DO MUNDO! A PRIMEIRA NAÇÃO DO HOCKEY! E A MELHOR PARTE DA AMÉRICA DO NORTE! MEU NOME É JOE!! E EU SOU CANADENSE!!!!!!! Obrigado.¹³

¹¹ “Until after the Second World War, Canadian patriotism was not just anti-American but pro-British. Canadians were proud members of the British Empire. Every day in my early years at Queen’s my walk to campus through a downtown park took me past a statue of Sir John A. Macdonald, Canada’s first Prime Minister and its premier nineteenth-century statesman. It bore the inscription: ‘A British subject I was born; a British subject I will die.’”.

¹² Nota de tradução: “toque” é um tipo de chapéu utilizado especificamente no Canadá; “chesterfield” significa sofá em inglês canadense (a palavra estadunidense equivalente seria “couch”); e a letra Z, no Canadá, pronuncia-se “zed”, como na Inglaterra, e não “zee”, como nos Estados Unidos. Optou-se aqui pela manutenção da frase original em inglês com nota explicativa para o leitor, já que a tradução literal não faria sentido.

O exemplo é emblemático porque o sentimento antiestadunidense é explícito e ressalta as diferenças entre Estados Unidos e Canadá. E, entre essas diferenças, há certamente aquelas provenientes da herança britânica: os canadenses possuem um primeiro-ministro ao invés de um presidente, dizem “chesterfield” ao invés de “sofa”, pronunciam a letra Z como “zed” e não como “zee” etc. Essa definição não-americana (não-estadunidense) pode nos indicar rumos para compreendermos o não desenvolvimento do conceito análogo *americanity* no Canadá inglês. Quando brasileiros, quebequenses e hispano-americanos desenvolvem, respectivamente, os conceitos americanidade, *américanité* e *americanidad*, um dos objetivos é restabelecer a possibilidade de dizer “*Eu sou americano*”, “*Je suis Américain*” e “*Soy americano*”. Mas eles o fazem a partir de uma posição discursiva “segura”: suas línguas e culturas são claramente diferentes daquelas pertencentes aos Estados Unidos, o que lhes permite exatamente diluir a ambigüidade do termo *americano* para, então, reinventá-lo. A posição do Canadá inglês, entretanto, é muito mais delicada. Para esta parte do país, a empreitada americana parece ser muito mais audaciosa. Quando se olha do Canadá inglês em direção ao sul do continente, tudo o que se pode ver é a presença assustadora de um enorme Golias. A estratégia, então, passa a ser bradar sua não-“americanidade” e olhar em direção ao outro lado do Atlântico, sem deixar muito espaço para o florescimento de um sentimento de pertença a uma coletividade americana mais vasta.

E é justamente esse olhar em direção ao outro lado do Atlântico que pode ainda nos dar outras pistas para compreendermos a relação entre o Canadá inglês e as Américas. Sustentamos aqui a tese de que o conceito *americanidad* e suas variantes têm, como uma de suas principais características, o desejo de ruptura com idéias eurocentristas. Para alcançar esse objetivo, pensadores como Carpentier (1976), Lezama Lima (1993), Lamonde (1996) e Bernd (2002, 2003a, 2003b), entre outros, propõem um movimento de união e de abertura continental. Segundo eles, a força do continente reside em sua novidade e hibrididade cultural, não em sua ligação com a velha Europa. A rota tomada pelo Canadá inglês parece ir exatamente em direção contrária. A ligação canadense à sua herança britânica é muitas vezes cultivada, podendo constituir estrategicamente

¹³ “Hey. I’m not a lumberjack, or a fur trader. And I don’t live in an igloo, or eat blubber, or own a dogsled. And I don’t know Jimmy, Sally or Suzy from Canada, although I’m certain they’re really, really nice. I have a Prime Minister, not a President. I speak English and French, NOT American. And I pronounce it ‘ABOUT’, NOT ‘A BOOT’. I can proudly sew my country’s flag on my backpack. I believe in peace keeping, NOT policing; in DIVERSITY, NOT assimilation; AND THAT THE BEAVER IS A TRULY PROUD AND NOBLE ANIMAL. A TOQUE IS A HAT, A CHESTERFIELD IS A COUCH, AND IT IS PRONOUNCED ‘ZED’ NOT ‘ZEE’, ‘ZED’!!! CANADA IS THE SECOND LARGEST LANDMASS! THE FIRST NATION OF HOCKEY! AND THE BEST PART OF NORTH AMERICA! MY NAME IS JOE!! AND I AM CANADIAN!!!!!! Thank you.” (Texto, não publicado, de peça publicitária – cerveja Molson – veiculada na televisão canadense, em 2000; transcrição e tradução nossas).

um elemento de diferenciação em relação ao grande Leviatã do sul, ao Golias que os canadenses têm de enfrentar constantemente.¹⁴

Conclusão

É irrefutável que os trabalhos de pensadores como Carpentier e Lezama Lima tiveram um enorme impacto na academia latino-americana, constituindo hoje uma importante força motriz para o desenvolvimento de estudos literários e culturais nessa parte do continente. Também é incontestável que, no Brasil, o conceito *americanidade*, em conjunto com outros como mestiçagem e entrelugar, foi determinante para o recrudescimento do diálogo literário e cultural com outras comunidades americanas. É bem verdade que ainda existem certas barreiras, exclusões, lacunas e reticências no desenvolvimento do conceito. Como sugere Lamonde (1996) no capítulo final de seu livro, estamos ainda em um processo inacabado de descobertas mútuas e de abertura cultural ao continente. Há certamente muito a ser feito. É indispensável comparar os conceitos, articulá-los, revelar suas omissões, interrogar-se do porquê dessas lacunas e integrar outras coletividades freqüentemente esquecidas na discussão americana (onde estão a Jamaica, o Suriname, a Guiana Francesa, a Groenlândia, entre outros, em nosso debate?).

A força do discurso da americanidade não se encontra em seu combate contra as culturas vistas como "dominadoras". Na verdade, esse combate contra os pressupostos "centros" reproduz e reforça uma visão de mundo determinada por dicotomias como periferia x centro, dominado x dominante, inferior x superior. O vigor do conceito encontra-se em sua própria semântica e em sua utilização pragmática para a promoção da abertura cultural e proximidade continental nas Américas. A noção de americanidade inspira e encoraja a possibilidade de pôr, lado a lado, a literatura e a cultura da Jamaica e as do Brasil, as do Canadá e as do Equador, as dos Estados Unidos e as de Cuba, as da Guiana Francesa e as do Uruguai, as de Porto Rico e as do Quebec etc., em infindáveis e estimulantes combinações americanas. O conceito apresenta o potencial de abrir um vasto campo de estudos culturais e literários, no qual as margens e os centros, o pobre e o rico, o tropical e o temperado e todas as outras nuances intermediárias possam se (re)descobrir e romper velhas fronteiras culturais, para então construir um novo sentido de continentalidade americana.

¹⁴ Reforça nossa análise quanto ao "olhar em direção ao outro lado do Atlântico" o fato de que o Canadá, diferentemente da maioria dos países americanos, nunca teve de enfrentar guerra ou revolução sangrenta para se liberar do jugo colonial. O último ato de independência política foi o repatriamento da Constituição, assinado pelo então Primeiro-Ministro Pierre Trudeau e a Rainha Elizabeth em uma cerimônia pacífica e diplomática, transmitida pela TV a todo o país, em 1982! Quando comparamos a experiência canadense com a de outros países americanos, é necessário lembrar que sua história política, muito particular, contribuiu para o estabelecimento de uma relação diferente com a sua metrópole.

Trata-se de uma abordagem ingênua? Provavelmente sim. Talvez a americanidade seja somente a reciclagem de velhas utopias que, desde José Martí, alimentavam o sonho de conceber o continente americano como algo maior, não um simples aglomerado de nações. Provavelmente a americanidade será sempre impregnada de relações de poder, lacunas e processos complexos de inclusão e de exclusão, como vimos ao longo deste artigo. Entretanto, as possibilidades e as intenções do conceito vão sempre existir, e sua utopia vai sempre esperar novos Martí, Carpentiers, Lezamas Limas e Bernds para ser realizada. Afinal, é para isto que as utopias são construídas: para serem indefinidamente sonhadas, continuamente perseguidas, mas nunca alcançadas.

Abstract

In a highly heterogeneous continent, the concept “americanidade” has the difficult mission of conceiving an American cultural basis that goes beyond the boundaries imposed by the notion of “national culture”. First developed in Hispanic America (*americanidad*), the concept and its variants (*américanité* in Quebec and *americanidade* in Brazil) present intricate dynamics of inclusion and exclusion, openness and reticence, attraction and repulsion. By analyzing theoretical texts, TV commercials, movies and bringing up the little explored Canada-Latin America cultural relations, we will attempt to better understand the complex identity strategies that determine the cartography of the concept on the continent.

Key words: Americanidade; Americas; Canada; Quebec; Inter-American relations.

Referências

- ARMAGÉDDON. Direção: Michael Bay. Produção: Jerry Bruckheimer. Intérpretes: Bruce Willis, Billy Bob Thornton, Bem Affleck, Liv Tyler e outros. Roteiro: Jonathan Hensleigh. Estados Unidos: Touchstone Films, 1998. DVD (150 min), son., color.
- BAHIA, Marcio. Os diálogos Brasil-Canadá face à influência cultural norte-americana: a terceira via. **Interfaces Brasil/Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 95-105, 2002.
- BAHIA, Marcio. **The concepts “americanidad”, “américanité” and “americanidade”**: peripheral perspectives. 2004. Dissertação (Mestrado em Espanhol) – University of Ottawa, Ottawa.
- BERND, Zilá. Americanidade e americanização. In: BERND, Zilá (Ed.). **Americanidade e transferências culturais**. Porto Alegre: Movimento, 2003a. p. 26-43.
- BERND, Zilá. Américanité: les transferts du concept. **Interfaces**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 10-26, 2002.
- BERND, Zilá. Os deslocamentos conceituais da transculturação. In: BERND, Zilá (Ed.). **Americanidade e transferências culturais**. Porto Alegre: Movimento, 2003b. p. 17-25.

- CARPENTIER, Alejo. **Razón de ser**. Caracas: Ediciones de la Universidad Central de Venezuela, 1976.
- CLINTON, William Jefferson. Inaugural address, January 20, 1993. In: FROM REVOLUTION to reconstruction [site]. Groningen: Arts Faculty of the University of Groningen, ©1994. Disponível em: <<http://odur.let.rug.nl/~usa/P/bc42/speeches/clinton1.htm>>. Acesso em: 02/06/2004.
- INDEPENDENCE day. Direção e Produção: Roland Emmerich. Intérpretes: Will Smith, Bill Pullman, Jeff Goldblum e outros. Roteiro: Dean Devlin e Roland Emmerich. Estados Unidos: Fox Films, 1996. DVD (135 min), son., color.
- JERRY Maguire. Direção: Cameron Crowe. Produção: Cameron Crowe e James L. Brooks. Intérpretes: Tom Cruise, Cuba Gooding Jr, Renee Zellweger e outros. Roteiro: Cameron Crowe. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1996. DVD (139 min), son., color.
- LAMONDE, Yvan. **Ni avec eux ni sans eux: le Québec et les États-unis**. Québec: Nuit Blanche, 1996.
- LEZAMA LIMA, José. **La expresión americana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MARTÍ, José. **Nuestra América**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.
- MIGNOLO, Walter. **Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking**. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- NUECHTERLEIN, James. Oh Canada. **First Things**, New York, n. 75, p. 13-14, Aug./Sept. 1997. Disponível em: <<http://www.firstthings.com/ftissues/ft9708/opinion/nuechterlein.html>>. Acesso em: 07/05/2004.
- ROOSEVELT, Theodore. Inaugural address, Saturday, March 4, 1905. In: FROM REVOLUTION to reconstruction [site]. Groningen: Arts Faculty of the University of Groningen, ©1994. Disponível em: <<http://odur.let.rug.nl/~usa/P/tr26/speeches/troose.htm>>. Acesso em: 02/07/2004.
- THÉRIAULT, Joseph Yvon. L'américanité contre l'américanisation: l'impasse de la nouvelle identité québécoise. **Interfaces Brasil/Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2002.
- TRUMAN, Harry S. Inaugural address, Thursday, January 20, 1949. In: FROM REVOLUTION to reconstruction [site]. Groningen: Arts Faculty of the University of Groningen, ©1994. Disponível em: <<http://odur.let.rug.nl/~usa/P/ht33/speeches/truman.htm>>. Acesso em: 10/06/2004.